

# GRANDEZA E SERVIDÃO DOS REGIMENTOS DE CARROS

Ten Cel de la MOTTE

Tradução do número de agosto de  
1970, da revista *L'Armée*, pelo Major Cav  
PAULO EDUARDO.

Dentre as qualidades necessárias ao combatente, a Cavalaria sempre emprestou particular importância à audácia e entusiasmo dos executantes e ao espírito de iniciativa e sentimento manobreiro dos chefes, até mesmo aos dos menores escalões. A própria natureza de suas missões lhe impunha esta seleção, já de si tradicional.

Quando perdeu seus cavalos por troca com os blindados, suas missões permaneceram as mesmas, pelo menos em espírito. Os hussardos nas viaturas de reconhecimento e os couraceiros nos carros AMX30 podem e devem reivindicar os direitos de uma longa tradição.

As grandes qualidades, exigidas de seus ancestrais, permanecem, hoje ainda, com a mesma preponderância. Apesar disso, por um lamentável paradoxo, parece que os Regimentos de Carros não estão bem aparelhados para cultivá-las.

Considerarmo-nos herdeiros espirituais de Lasalle, de Murat e dos couraceiros de Reichshoffen, e passarmos uma parte de tempo, nada desprezível, a esfregar um trapo de estôpa em um carro estacionado em uma garagem, seria a sina de

nossas equipagens de AMX30 se não tomássemos cuidado. Essa contradição, se bem que não seja peculiar aos Regimentos de Carros, manifesta-se nêles com uma frequência especial e merece particular atenção. Buscar solucioná-la implica em determinar como manter a arte manobreira dos Chefes e a audácia dos executantes nos Regimentos de Carros apesar dos óbices e servidões do tempo de paz.

Qualquer reflexão sobre o problema nos leva, menos a encarar procedimentos do que a buscar um estado de espírito que resulte em uma verdadeira ética do comando. A amplitude do tema impõe uma salutar modéstia. Sem pretender tratá-lo a fundo, vamos somente sugerir alguns meios ditados pela experiência e inseridos nos regulamentos e diretrizes em vigor.

## Servidões

Para situar bem o problema é interessante e útil examinar as dificuldades que os comandantes de unidade e os de Pelotão encontram em suas obrigações. É uma tarefa fácil pois que tais dificuldades fa-



zem parte de suas queixas diárias e, em geral, justificadas.

Para um Regimento aquartelado o carro de combate traz mais obrigações e servidões do que satisfações. A vida (no que tange a combustível, munição, etc.) de que dispõe é grandemente hipotecada às manobras, períodos fastos e raros que constituem o tempo áureo do ano. Na caserna, é indispensável fazer girar os motores para manter a carga das baterias e assegurar a instrução de rotina. Se porventura o Corpo de Tropa dispõe permanentemente de um campo de instrução (que não necessita ser muito grande) resta-lhe dessa vida o mínimo indispensável para prosseguir a instrução das equipagens, particularmente a dos atiradores, graças a curtas saídas que estão longe de preencher todo o tempo disponível. Esses exercícios rara-

mente dão aos Cmts de Pelotão, e menos ainda aos capitães, a ocasião e a satisfação de trabalhar de maneira realista com o notável instrumento (o carro) de que dispõem.

No entanto, e apesar disso, é verdade incontestes que a manutenção pesa tanto quanto se a utilização dos carros fôsse muito mais intensa. Sua importância é primordial, pois de nada adiantaria possuir equipagens corretamente instruídas se o material estivesse indisponível. Segundo fórmula consagrada, a manutenção é um ato de combate. Dito isso devemos convir que não há nada de entusiasmar quando se trata não de preparar ou concluir uma surtida para emprêgo mas, unicamente, de se apresentar em uma revista da melhor maneira possível.

Tais inconvenientes provêm, em grande parte, das economias ne-

cessárias a fazer em tempo de paz. Além dessas se acumulam as servidões impostas pela vida da Unidade e da guarnição. É inútil enumerá-las, pois elas são as mesmas, praticamente, em todos os regimentos e, além disso, são inevitáveis. Por menor que seja o mal que causam, elas são desfavoráveis ao moral da tropa e dos quadros e à sua formação como combatentes.

### Vida em Manobras

Não é o caso de nos colocarmos ante o Muro das Lamentações para nos lastimarmos por um estado de fato que existe por várias razões válidas e fadadas, é fora de dúvida, a durar. Vale mais pesquisar que atividades e atitudes podem remediar o caso. O espírito manobreiro dos chefes e o entusiasmo dos executantes se manifestam plenamente e se aperfeiçoam durante os períodos de trabalho no campo, em manobras. Não é possível multiplicar tais períodos, os recursos disponíveis não o permitem mas é interessante examinarmos por que esses períodos são particularmente benéficos.

Nêles, *cada um se sente em seu lugar, desempenhando as funções que lhe cabe, integrado em um quadro bem definido*. A equipagem utiliza seu carro, toma ciência de suas possibilidades e das do material por êle transportado, manobrando e atirando. A manutenção não aparece mais como uma atividade prevista para empregar o tempo, sim como um ato cuja necessidade se impõe antes e depois de cada surtida. O Cmt de Pelotão vive com seus homens e, consciente do dever de ser o melhor chefe de

carro, conduz a todos pelo exemplo. O capitão tem, finalmente, seus "ceuraceiros" e seu material reunidos, "na mão", e manobra em verdadeira grandeza. A satisfação, a exaltação mesmo, que êle pode sentir em conduzir a totalidade de seu esquadrão na execução da mesma missão, é compartilhada por todos os seus comandados. Estes guardarão (até mesmo os veteranos e os cínicos) uma profunda lembrança dos enteveros de carros de que hajam participado.

Nesse ambiente, no qual oficiais, sargentos e cavalarianos, têm as mesmas rações e devem superar juntos, para vencer, as condições climáticas (raramente favoráveis) a fadiga e o sono, não há problemas disciplinares, tudo parece correr normalmente sem necessidade de reprimendas ou meios de coerção.

Como criar êsse ambiente favorável em meio a tôdas as dificuldades da vida na caserna, é o problema que vamos encarar. Ele é árduo, mas não insolúvel. A capacidade manobreira dos chefes e a audácia dos executantes podem ser desenvolvidas sem utilizar o material. Vários exemplos provam essa assertiva, particularmente o dos exércitos privados de tudo: o Exército Alemão depois de 1918, o Exército Francês após o armistício de 1940.

### Uma Linha de Ação

O quadro que acaba de ser descrito, de vida na caserna, pode parecer carregado de tintas escuras e o da vida em manobras algo idílico. Todavia mesmo se, como no caso, a situação houver sido esquemmatizada, é fora de dúvida que a

diferença entre as duas situações (caserna e campo) é fundamental. É lógico pois que podemos nos inspirar nos fatores favoráveis do trabalho no campo, que são similares aos da vida em operações com menos riscos evidentemente, para procurar determinar uma linha de ação para a vida no quartel.

### Regras a Seguir

— *Ter consciência da importância das células orgânicas* dos "grupos formais" para empregar a terminologia que é cara aos psicólogos. Um destes, Gibb, notou que "o comando é um processo de estímulo mútuo, um fenômeno de interação social em que as atitudes, ideais e aspirações dos comandados desempenha um papel tão importante e determinante como a individualidade e personalidade do Chefe".

A equipagem já constitui um desses grupos, o pelotão cujo efetivo não ultrapassa doze homens já o é com maior evidência. Ele faz parte de um Esquadrão composto de cerca de noventa homens incluindo os quadros. Em uma tão pequena subunidade as cargas (de trabalho, instrução e emprêgo) pesam demasiadamente mas, em compensação, todos se conhecem muito bem, ela constitui um conjunto vivo e perfeitamente apto à criação de um espírito comum.

Para conservar tais vantagens é preciso empenhar-se para preservar, ao máximo, a vida dessas células constantemente ameaçadas pelos serviços da caserna, os estágios, as competições entre os Corpos. É preciso limitar as transferências e as mudanças de funções.

— *Manter ao máximo o contacto entre os quadros e a tropa.* Essa noção é corolário da precedente. A influência dos oficiais e sargentos é essencialmente um caso de exemplo e de conhecimento dos homens. É necessário também que os quadros participem ativamente da maior parte das atividades.

— *Promover a iniciativa e o senso de responsabilidade em todos os escalões:* comandantes de unidades, de pelotões, chefes de carro e cavaleiros. O Exército é uma sociedade fortemente estruturada e hierarquizada, na qual a disciplina é muito severa. Sua finalidade guerreira implica em ter de possuir tais características. Em contrapartida, estas raramente favorecem a iniciativa. Assim, deve o comandante se esforçar em desenvolvê-la sem contudo renunciar a nenhuma de suas prerrogativas.

A adoção dos pelotões a três carros pode parecer diminuir o papel de seus comandantes. Estes devem possuir uma consciência precisa de que, da qualidade de sua decisão, depende a vida de seus homens e o sucesso de sua missão. Da mesma maneira, de sua aptidão técnica, em relação ao rendimento de seu custo material.

O valor da equipagem no combate é essencialmente função do valor do Chefe, da justeza e rapidez de sua reação diante de um imprevisto, de sua decisão qualquer que seja a situação.

O estado de espírito dos Chefes deve estar voltado sempre para manter a disponibilidade máxima. Eles devem estar alerta para tomar qualquer iniciativa nesse sentido. Quanto aos executantes se não puderem ser mantidos permanente-

mente sob pressão, é preciso que tenham a medida exata de sua capacidade de resistência física e moral. Isso implica em dar-lhes oportunidade de, no quadro de seu Pelotão, suplantarem-se a si mesmo, dominar o medo, a fadiga, o egoísmo e o receio das responsabilidades.

### Atividades no Quartel

Essas noções são teóricas, por isso parece útil ilustrá-las e explicá-las, passando em revista algumas das atividades de um Regimento em sua vida de guarnição. A solução não consiste em agregar novos encargos aos já prescritos. Tal idéia faria pular de raiva os Cmts de corpos que já têm a resolver um número de problemas mais do que suficiente. Além disso tal idéia, se posta em prática, iria, agravando a dispersão de esforços, ter um resultado completamente contrário ao desejado.

### O Esporte

Logo à primeira vista surge êle, o esporte, dentre as atividades capazes de desenvolver o entusiasmo e a audácia. As atuais diretrizes que prescrevem o esporte de massa, permitem utilizar ao máximo êsse poderoso meio.

*A educação física deve ser diária, diversificada e, tanto quanto possível, atraente. Este ideal nunca é atingido devido a razões de ordem material tais como: falta de equipamento, ausência ou debilidade da infra-estrutura, falta de piscina. Apesar disso deve estar sempre presente, ao espírito de todos, que o objetivo não é o de atingir performances (sempre decepcionantes)*

mas o de desenvolver o equilíbrio físico e mental, a camaradagem, o gosto pelo esforço e o de fazer com que cada um tome consciência de suas possibilidades de superação pessoal.

A educação física deve ser conduzida no escalão Pelotão, ou, segundo as sessões previstas, no escalão Esquadrão. Isso implica na participação constante de todos os quadros, dos Cmts de Pelotão e dos Capitães comandantes de Esquadrão e, de quando em vez, a título de exemplo, do próprio Coronel.

Será fora de propósito enumerar aqui as possíveis atividades esportivas, todas elas concorrem para o desenvolvimento do homem, particularmente aquelas que o levam a dominar-se, tais como os reides de certa duração. Deve-se fazer uma citação de destaque para o esqui e a natação. Uma e outra necessitam de condições particulares e só permitem fazer uma iniciação, por isso mesmo, êsses dois esportes individuais são particularmente favoráveis à superação do próprio indivíduo e ao desenvolvimento da energia.

Finalmente, devemos frisar que a constituição de equipes regulamentares vai direta e sensivelmente contra o objetivo que se persegue. Isso leva a depurar muito as unidades, a distrair um grande número de homens de sua missão normal e, o que é pior, a formar uma espécie de casta o que é pouco favorável ao moral do conjunto. Em contrapartida, ela promove um objetivo e um excelente centro de interesse para aqueles que são capazes de fazer parte das equipes. É uma idéia que não deve ser rejei-

tada e sim trabalhada dentro de um clima de atenção e prudência. Em caso algum, e isso felizmente está prescrito, a constituição de equipes deve se constituir em finalidade das atividades esportivas.

### Exercícios de Quadros

É preciso reconhecer que a prática do esporte não traz grande coisa ao senso manobreiro dos chefes se bem que desenvolva sua energia e lhes assegure um bom equilíbrio. É evidente que os exercícios de quadros permitirão atender melhor aquêlle objetivo.

Para tanto, tais exercícios devem ser conduzidos com bastante realismo, sem ambições exageradas, e permitir a oportunidade de reação rápida ante situações imprevistas. Eles devem permitir também aos Chefes transmitir suas ordens via rádio o que, em princípio, representa uma garantia de simplicidade. Vários óbices devem ser evitados particularmente o gosto pelo rebuscamento, próprio a nós franceses. Uma boa idéa de manobra, muito bem lapidada, é, no escalão Esquadrão uma *utopia*; quando muito será um exercício intelectual preparatório para comandos mais elevados. A aptidão para manejar um lápis com destreza permite ganhar uma batalha na carta a custa de setas e ovals de objetivo, porém, neste escalão não prova nada.

Ao contrário disso, é útil e necessário encarar todos os fatores que podem impedir um capitão de cumprir sua missão antes mesmo de haver topado com o inimigo. Tais fatores são particularmente aquêles impostos pelos prazos e pela logística. Qualquer comandante de uni-

dade, digno dêsse nome, é capaz de conduzir seu Esquadrão num assalto que se assemelha, "mutatis mutandis", às cargas de cavalaria de antanho. Nem todos sabem, por falta de treinamento, levar seus carros em perfeitas condições (remuniciados e abastecidos completamente) a uma dada hora, à noite, em terreno difícil, a determinado local. Tais imperativos, terra a terra, fazem parte integrante do sentimento manobreiro em todos os escalões. Os exercícios de quadros não podem substituir a prática mas podem, e isso é importante, fazer com que se tenha uma idéa precisa das dificuldades previsíveis e das possibilidades reais.

Sendo tudo contradição, a instrução específica dos quadros apresenta o grande inconveniente de afastá-la dos homens da tropa; o que se ganha de um lado, perde-se do outro. Apesar do interesse que êles apresentam, os exercícios de quadros não podem ser renovados com muita freqüência.

### Exercícios a Pé

Os exercícios de combate a pé, organizados no escalão Esquadrão ou Regimento, oferecem a grande vantagem de desenvolver o sentimento manobreiro dando, ao mesmo tempo, a oportunidade aos oficiais, sargentos e cavaleiros de trabalhar em conjunto, no âmbito das células orgânicas. É interessante notar que estas devem ser preservadas ao máximo, mesmo que isto prejudique um pouco a coerência do tema, pois do contrário o objetivo não seria atingido. Evidentemente uma missão a ser executada a pé só possui poucos pontos de contacto com o emprêgo de uma

unidade de carros, porém ela também é um ótimo elemento de formação pois que obriga a tomar decisões e fazê-las cumprir. Além disso, eles são excelentes no que tange ao favorecimento do adestramento da tropa pois desenvolvem a resistência à fadiga, o gosto pelo esforço, a faculdade de adaptação, o sentido de camaradagem e o de vida em comum.

### Revistas e Desfiles

Os exercícios de ordem unida e os desfiles são excelentes para desenvolver a coesão e, à primeira vista, não parecem favorecer o entusiasmo. Mas a profunda satisfação que os executantes sentem após um belo exterior com seus carros, eles encontram, sem o querer, após uma demonstração de manejo de armas bem sucedida. Aliás, também, qualquer chamamento às tradições do Regimento e da Cavalaria é ótimo se surgir com oportunidade e se integrar corretamente na vida da unidade. De passagem anotaremos quanto é significativo o fato de que os que pretendem sabotar o valor do Exército se incluem naqueles que mais acirradamente combatem as tradições.

### Vida Diária

A instrução e a manutenção diárias impõem a cansativa repetição dos mesmos gestos e visam à aquisição do automatismo e dos reflexos. Tais atividades se levadas a cabo por todos os quadros e tropa, sempre presentes e atuantes, servirão para galvanizar as equipagens e Pelotões. Em particular, é profundamente desejável que os tiros sejam executados pelo con-

junto das equipagens e não somente pelos atiradores específicos. Tal medida, muito benéfica para a instrução dos Chefes de Carros e dos radiocomunicadores (um homem desempenhando as duas funções) o é muito mais no que respeita a coesão e a confiança mútua que deve unir os três serventes de uma mesma torre de carro.

As faxinas, os trabalhos da cerna, os diversos encargos pesam muito na vida da unidade de Carros, mesmo se fôr feito um esforço para aliviá-los e torná-los mais rentáveis. Seu efeito negativo sobre o moral e sobretudo sobre o entusiasmo dos homens é grandemente atenuado se tais atividades forem realizadas pelas células orgânicas, equipagens, Pelotão e Esquadrão. Nem sempre é possível, mas elas podem se constituir em um fator de coesão e uma ocasião para que os Chefes e os executantes desenvolvam sua iniciativa em circunstâncias inesperadas ou diversas de suas preocupações normais.

### Conclusão

Nesse rápido galope na vida de um Regimento de Cavalaria de Carros, em tempo de paz, não propusemos nenhuma receita. Ao contrário, surgiu a necessidade de um método de comando adequado à manutenção do entusiasmo de todos. Para conseguir isso, na rotina quotidiana, o Cmt de unidade e, com ele os de subunidade, não deve nunca perder de vista três prioridades:

- manter a vitalidade das células orgânicas preservando a coesão das equipagens, dos Pelotões e dos Esquadrões e

fazendo com que os quadros permaneçam ao máximo junto a seus homens.

- promover a iniciativa e o senso das responsabilidades prevendo-se de um excesso de dirigismo e de centralização.
- proporcionar a todos a oportunidade de se superar ante

as dificuldades enfrentadas em comum.

Ao anunciar um tal programa tomamos consciência da margem que separa a realidade diária do ideal que se tem em mira. Pelo menos pensamos que êle poderá servir de guia.